

Resiliência em estudantes de nível técnico de enfermagem e radiologia

Resilience in technical nursing and radiology students

Resiliencia en estudiantes de enfermería técnica y radiología

Iel Marciano de Moraes Filho¹, Joseane Correia Brito Moura Gomes², Maria do Socorro da Conceição Rodrigues³, Lorena Morena Rosa Melchior⁴, Osmar Pereira dos Santos⁵, Rodrigo Marques da Silva⁶, Francidalma Soares Souza Carvalho Filha⁷, Thais Vilela de Sousa⁸

RESUMO

Objetivo: avaliar as características gerais e o grau de resiliência de estudantes de técnico de enfermagem e radiologia de uma instituição no entorno de Brasília. **Método:** trata-se de um estudo transversal e descritivo,

¹Enfermeiro. Mestre em Ciências Ambientais e Saúde. Doutorando em Sociedade, Tecnologia e Meio Ambiente. Docente do curso de Enfermagem da Universidade Paulista (UNIP). Brasília, DF, Brasil. E-mail: ielfilho@yahoo.com.br ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-0798-3949>

Autor principal – Endereço para correspondência: Sgas Quadra 913, s/nº - Conjunto B - Asa Sul, Brasília - DF, 70390-130.

²Graduação em Enfermagem pela Faculdade de Ciências e Educação Sena Aires (FACESA). Valparaíso de Goiás, Goiás, Brasil. E-mail: joseanecbmg@gmail.com ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0003-0594-8987>

³ Graduação em Enfermagem pela Faculdade de Ciências e Educação Sena Aires (FACESA). Valparaíso de Goiás, Goiás, Brasil. E-mail: Corrinha.gonguinha@hotmail.com ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-3641-7372>

⁴Enfermeira. Mestre e Doutoranda em Enfermagem pelo Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Goiás (UFG). Goiânia, Goiás, Brasil. E-mail: lorena_melchior@hotmail.com ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-8644-1784>

⁵Enfermeiro. Mestre em Ciências Ambientais. Doutorando em Educação. Docente do curso de Enfermagem da Faculdade União de Goyazes Trindade. Trindade, Goiás, Brasil E-mail: osmarenfi@gmail.com ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-7962-622X>

⁶Enfermeiro. Doutor em Enfermagem. Professor Titular da Faculdade de Ciências e Educação Sena Aires (FACESA). Valparaíso de Goiás, GO, Brasil. E-mail: marques-sm@hotmail.com ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0003-2881-9045>

⁷Enfermeira. Doutora em Saúde. Docente da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA). Balsas, Maranhão, Brasil. E-mail: francidalmafilha@gmail.com ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0001-5197-4671>

⁸Enfermeira. Mestre e Doutoranda em Enfermagem pelo Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Goiás (UFG). Goiânia, Goiás, Brasil. E-mail: thais.fen@hotmail.com ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-7498-516X>



Este artigo está licenciado sob forma de uma licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que a publicação original seja corretamente citada.

realizado com 250 estudantes da área de saúde, por meio de questionário sociodemográfico e da escala de resiliência de Wagnild & Young. Os dados foram analisados no SPSS e apresentados por estatística descritiva. **Resultados:** predominaram estudantes do sexo feminino (86,4%), casadas (91,6%) e com filhos (54,4%). Residem no entorno de Brasília (62,4%), sendo que 49,5% possuíam resiliência moderada. Os fatores que mais contribuem para a resiliência são resoluções de ações e valores, autoconfiança e capacidade de adaptação. **Conclusão:** compreender o perfil sociodemográfico e acadêmico de estudantes, torna-se um importante instrumento para sinalizar modos que potencializam ou fragilizam o ensino-aprendizagem, bem como a resiliência diante dos enfrentamentos desse cotidiano.

Descritores: Estudantes; Resiliência Psicológica; Pessoal de Saúde.

ABSTRACT

Objective: to evaluate the general characteristics and the degree of resilience of students of nursing technicians and radiology of an institution in the surroundings of Brasília. **Method:** it is a cross-sectional and descriptive study carried out with 250 students in the health field through a sociodemographic questionnaire and the Wagnild & Young resilience scale. The data were analyzed in the SPSS and presented by descriptive statistics. **Results:** female students (86.4%), married (91.6%) and with children (54.4%) predominated. They live in the surroundings of Brasilia (62.4%), with 49.5% having moderate resilience. The factors that most contribute to resilience are resolutions of actions and values, self-confidence and adaptability. **Conclusion:** understanding the sociodemographic and academic profile of students, becomes an important instrument to signal ways that enhance or weaken teaching-learning, as well as resilience in the face of this daily confrontation.

Descriptors: Students; Resilience, Psychological; Health Personnel.

RESUMEN

Objetivo: evaluar las características generales y el grado de resiliencia de los estudiantes de técnicos en enfermería y radiología de una institución en los alrededores de Brasilia. **Método:** es un estudio descriptivo y transversal realizado con 250 estudiantes en el campo de la salud a través de un cuestionario sociodemográfico y la escala de resiliencia de Wagnild & Young. Los datos se analizaron en SPSS y se presentaron mediante estadísticas descriptivas. **Resultados:** predominaron las alumnas (86,4%), casadas (91,6%) y con hijos (54,4%). Viven en los alrededores de Brasilia (62,4%), con 49,5% con resiliencia moderada. Los factores que más contribuyen a la resiliencia son resoluciones de acciones y valores, confianza en sí mismo y adaptabilidad. **Conclusión:** comprender el perfil sociodemográfico y académico de los estudiantes, se convierte en un instrumento importante para señalar formas que mejoran o debilitan la enseñanza-aprendizaje, así como la resistencia frente a esta confrontación diaria.

Descriptores: Estudiantes; Resiliencia Psicológica; Personal de Salud.

INTRODUÇÃO

A educação profissional é uma categoria de ensino prevista na Lei

de Diretrizes e Bases da Educação Nacional- Lei 9.394 de 20 de dezembro de 1996, complementada pelo Decreto 2.208 de 17 de abril de 1997, reformulado pelo Decreto 5.154 de 23 de julho de 2004. A educação profissional tem como importante finalidade criar recursos que permitam o ingresso no mercado de trabalho em diferentes níveis¹.

Os cursos de nível técnico são direcionados tanto para estudantes cursando o ensino médio a partir do segundo ano de modo integralizado, quanto para indivíduos com ensino médio concluído. Estes cursos podem ser ministrados por instituições de ensino que sejam autorizadas pelas secretarias de educação do estado onde estão inseridos. Possuem uma organização curricular própria, cargas horárias diferenciadas e são divididos por áreas de conhecimentos específicos. Essa modalidade de cursos, permitem o ingresso no mercado de trabalho com menor custo e maior rapidez¹, principalmente na área da saúde².

Tanto a formação como a busca pelo primeiro emprego trazem desafios para este

estudante. Essas situações podem ser compreendidas em duas situações básicas: uma referente à adversidade enfrentada e a outra que possui relação com a resposta diante de um cenário de sofrimento^{3,4}. Esses fatores concebem a resiliência, que correspondem aos atributos que dão suporte aos enfrentamentos, incluindo competência nas relações sociais, a capacidade de resolução de problemas, a conquista da autonomia e o sentido ou propósito para a vida e futuro^{5,6}.

Outrossim, a resiliência também pode ser entendida como um processamento diligente que envolve as partes de cunho emocional, sociocultural, ambiental e cognitivo, que possibilitam a adaptação do indivíduo, sua transformação e fortalecimento. Por outro lado, a resiliência se compreende como uma capacidade que mesmo diante de situações estressoras e complexas, a pessoa consegue gerenciar e ter menos consequências negativas⁷. Nas ciências sociais, constitui a competência do indivíduo em enfrentar pressões ou a capacidade de superar problemas^{3,8}.

Há bastante interesse no estudo da resiliência pela comunidade científica, pela relação direta com os aspectos psicossociais e desenvolvimento humano⁷. Esses aspectos fazem parte do percurso do estudante ao vivenciar eventos que podem ser exitosos, de valorização e reconhecimento, ou de frustração, fracasso e humilhação³.

É fundamental que as instituições de ensino identifiquem os elementos que possam causar risco ao crescimento, aproveitamento, satisfação e permanência do estudante no processo de formação, e passe a promover um local/ambiente que gere interação positiva e apoio, particularmente junto a estudantes da área de saúde, que lidam com o sofrimento das pessoas, com a pressão de estarem a todo momento saudáveis e íntegros, apesar da grande vulnerabilidade para adoecerem^{7,9}.

A partir disso, este estudo teve como objetivo avaliar as características gerais e o grau de resiliência de estudantes de técnico de enfermagem e radiologia de uma instituição no entorno de Brasília.

MÉTODO

Trata-se de um estudo transversal descritivo, realizado em uma instituição de ensino superior privada que oferece cursos técnicos e superiores, localizada em uma cidade no entorno de Brasília (DF). A população inicial da investigação foi constituída por 424 estudantes, sendo 399 matriculados no curso Técnico de Enfermagem e 25 cursando Técnico de Radiologia. Desses, 174 não aceitaram participar da pesquisa, sendo 169 alunos do curso técnico de enfermagem e 5 do curso técnico em radiologia. Dessa forma, a população de acesso do estudo foi constituída por 250 estudantes, sendo 230 do curso Técnico de Enfermagem e 20 do curso Técnico de Radiologia.

Foram incluídos no estudo estudantes regularmente matriculados (1º ao 3º módulo), de ambos os sexos, com idade igual ou superior a 18 anos. Foram excluídos aqueles que não estavam matriculados em disciplinas do ciclo profissionalizante e que se

ausentaram durante o período de coleta de dados.

A coleta de dados ocorreu em março de 2019, por meio dos seguintes instrumentos autoaplicáveis: Questionário sociodemográfico e a Escala de Resiliência de Wagnild & Young^{5,6}. Os alunos foram abordados em sala de aula, em horário previamente agendado junto ao docente da disciplina.

O formulário para caracterização sociodemográfica conteve as seguintes variáveis: sexo; idade; situação conjugal; presença de filhos; local e com quem reside; atividade física; lazer; fonte de renda; etnia/cor; trabalho; renda e despesa mensal; transporte utilizado; consumo de álcool e outras drogas; uso de fármacos para inibir e/ou estimular o sono; contraceptivos; número de disciplinas cursadas no semestre atual; carga horária no semestre atual; horas de estudo diário; atividades extracurriculares; experiência profissional na área da saúde; satisfação e/ou interesse em desistir do curso.

A escala de resiliência, desenvolvida por Wagnild & Young,

foi adaptada e traduzida para a realidade brasileira junto a estudantes de escolas públicas em 2005^{5,6}. Esse instrumento mede os níveis de adaptação psicossocial positiva face a eventos de vida importantes. Ele possui 25 itens em escala tipo *likert*, variando de 1 (discordo totalmente) a 7 (concordo totalmente), distribuídos em três fatores: resoluções de ações e valores (que dão sentido à vida, por exemplo: amizade, realização pessoal, satisfação e significado da vida) e itens que transmitem a ideia de independência, determinação, autoconfiança e capacidade de adaptação a situações⁵. Os escores da escala oscilam de 25 a 175 pontos, sendo que quanto maior o escore, mais elevada é a resiliência do sujeito. Um resultado abaixo de 121 é considerado pelos autores do instrumento como “reduzida resiliência”; entre 121 e 145, como “resiliência moderada”; e acima dos 145 “resiliência elevada”⁶.

Para organização e análise foi criado um banco de dados no programa *Excel* (Office 2018) e utilizado o *Statistical Package for Social Sciences* (Versão 16.0). Os

dados foram apresentados por estatística descritiva com o uso de frequências absolutas e relativas, médias e desvio padrão.

O projeto passou por apreciação e aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa, sob parecer no 3.092.013. Todos os participantes do estudo, aceitaram e assinaram o Termo de

Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

RESULTADOS

Participaram do estudo 250 estudantes com idades entre 18 e 29 anos (55,2%). A Tabela 1 apresenta os dados de caracterização sociodemográfica entre os estudantes.

Tabela 1 - Caracterização sociodemográfica dos estudantes. Cidade do entorno de Brasília, Brasil. Março de 2019. (n=250)

	Descrição	n	%
Faixa etária	18 a 29 anos	138	55,2%
	30 a 49 anos	94	37,6%
	50 a 59 anos	1	0,4%
	≥60 anos	12	4,8%
	Sem resposta	5	2%
Total		250	100%
Sexo	Feminino	216	86,4%
	Masculino	34	13,6%
Total		250	100%
Estado civil	Casado/união estável	229	91,6%
	Divorciado	16	6,4%
	Separado	4	1,6%
	Viúvo	1	0,4%
	Sem resposta	1	0,4%
Total		250	100%
Filhos	Sim	136	54,4%
	Não	113	45,2%
	Sem resposta	1	0,4%
	Sem resposta	1	0,4%
Total		250	100%
Reside na cidade de origem da instituição	Sim	156	62,4%
	Não	88	35,2%
	Sem resposta	6	2,4%
Total		250	100%
Arranjo familiar	Família	213	85,2%
	Amigo/Colega	2	0,8%
	Sozinho	27	10,8%
	Sem resposta	8	3,2%
	Sem resposta	8	3,2%
Total		250	100%
Tipo de moradia*	Apartamento/Casa própria	138	55,6%

	Apartamento/Casa alugada	64	25,8%
	República	38	15,2%
	Casa Universitária	8	3,2%
	Sem resposta	2	0,2%
Total		250	100%
Ensino médio foi cursado	Escola pública	229	91,6%
	Escola Privada	20	8,0%
	Sem resposta	1	0,4%
Total		250	100%
Prática algum esporte*	Sim	112	44,8%
	Não	125	52,7%
	Sem resposta	13	2,5%
Total		250	100%
Possui alguma atividade de lazer*	Sim	109	44,5%
	Não	123	50,2%
	Sem resposta	18	5,3%
Total		250	100%
Fontes de renda	Trabalho fixo	119	47,6%
	Recurso da família	91	36,4%
	Sem resposta	40	16%
Total		250	100%
Renda mensal	Nenhuma renda	21	8,6%
	Até 1 salário mínimo	7	2,8%
	Entre 1 e 2 salários mínimos	113	47,3%
	Entre 2 a 5 salários mínimos	48	20,1%
	Mais de 5 salários mínimos	13	5,3%
	Sem resposta	48	15,9%
Total		250	100%
Despesa mensal*	Nenhuma renda	22	9,0%
	Até 1 salário mínimo	67	29,3%
	Entre 1 e 2 salários mínimos	90	39,3%
	Entre 2 a 5 salários mínimos	38	15,5%
	Mais de 5 salários mínimos	9	3,7%
	Sem resposta	24	3,2%
Total		250	100%
Considera a renda mensal suficiente*	Sim	80	32,7%
	Não	161	64,4%
	Sem resposta	9	2,9%
Total		250	100%

De acordo com a Tabela 1, estudantes do sexo feminino verifica-se o predomínio de (86,4%), casados e/ou união estável

(91,6%), com filhos (54,4%), residentes entorno de Brasília (62,4%), que moram com suas famílias (85,2%) em apartamento/casa própria (55,6%).

Sempre estudaram em escolas públicas para cursar o ensino médio (91,6%), não praticam nenhum esporte (52,7%) e não realizam atividades de lazer (50,2%). Adicionalmente, a fonte de renda é através de trabalho fixo (47,6%) e recursos da família (36,4%), com renda mensal entre

um e dois salários mínimos (47,3%) e despesa mensal de um a dois salários mínimos (39,3%). A renda mensal não é considerada suficiente para sua manutenção (64,4%) (Tabela 1).

Na Tabela 2, há predomínio de alunos que não utilizam contraceptivos oral ou injetáveis (57,6%), não utilizam nenhum fármaco ou outras substâncias para inibir o sono (69,0%) ou para dormir (86,4%). Nunca fumaram (81,6%), tampouco beberam (45,2%).

Tabela 2 - Distribuição de características de cuidado com a saúde dos estudantes. Cidade do entorno de Brasília, Brasil. Março de 2019. (n=250)

Variáveis	n	%
Uso de contraceptivo oral ou injetável	Sim	30,6%
	Não	57,6%
	Parei	6,1%
	Não se aplica	4,1%
	Sem resposta	4,1%
Total	250	100%
Toma algum fármaco ou substância para inibir o sono	Sim	28,2%
	Não	69,0%
	Parei	2,0%
	Sem resposta	0,8%
Total	250	100%
Toma algum fármaco ou substância para dormir	Sim	9,2%
	Não	86,4%
	Parei	1,2%
	Sem resposta	3,2%
Total	250	100%
Fumar	Sim, fumo	7,2%
	Não, parei	9,2%
Total	Não, nunca fumei	81,6%
	Sem resposta	2,0%
	Total	250

Bebida alcoólica	Sim, bebo	96	38,4%
	Não, parei	35	14,0%
	Não, nunca bebi	113	45,2%
	Sem resposta	6	2,4%
Total		250	100%

Na Tabela 3, quanto as características escolares, os estudantes utilizam o próprio automóvel para se deslocar a instituição de ensino (54,3%), seguido pelo ônibus/lotação (39,3%). Quanto ao curso, a maioria se encontra no primeiro módulo

(36,4%) e no terceiro módulo (36,4%). Estão satisfeitos com o curso escolhido (87,6%) e não pensam em desistir do mesmo (68,4%). Não possuem experiência profissional na área da saúde (77,6%) e não fizeram qualquer outro curso técnico (56,8%).

Tabela 3 - Distribuição de características escolares. Cidade do entorno de Brasília, Brasil. Março de 2019. (n=250)

Variáveis	n	%	
Transporte	Automóvel	127	54,3%
	Ônibus/Lotação	92	39,3%
	Outros	31	6,4%
Total	250	100%	
Módulo*	1º Semestre	91	36,4%
	2º Semestre	63	25,2%
	3º Semestre	91	36,4%
	7º Semestre	5	2,0%
Total	250	100%	
Possui experiência profissional na área da saúde	Sim	44	17,6%
	Não	194	77,6%
	Sem resposta	12	4,8%
Total	250	100%	
Possui outro curso	Sim	92	36,8%
	Não	142	56,8%
	Sem resposta	12	4,8%
Total	250	100%	
Está satisfeito com o curso	Sim	219	87,6%
	Não	20	8,0%
	Sem resposta	11	4,4%
Total	250	100%	
Já pensou em desistir	Sim	75	30,0%
	Não	171	68,4%
	Sem resposta	4	1,6%
Total	250	100%	

*Nos módulos 4º a 6º não houve alunos participantes do estudo. **Alguns participantes não responderam ao item.

Na Figura 1, demonstra-se a classificação do nível de resiliência dos estudantes. Verifica-se que

38,3% dos alunos possuem elevada resiliência e 49,5% apresentaram resiliência moderada.

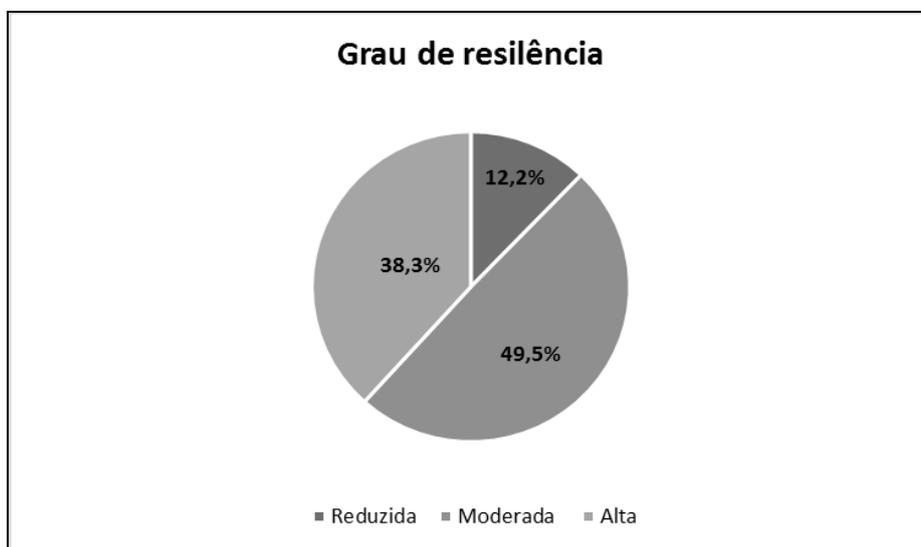


Figura 1- Classificação do nível de resiliência dos estudantes. Cidade do entorno de Brasília, Brasil. Março de 2019 (n=250).

Tabela 4 - Médias de resiliência por domínio da Escala de Resiliência de Wagnild & Young. Cidade do entorno de Brasília, Brasil. Março de 2019.

Itens (Graus de Resiliência)*	Média	DP
Ações e Valores	5,76	0,42
Autoconfiança e capacidade de adaptação	5,62	0,16
Independência e determinação	4,77	0,15

*Domínios apresentados foram de maior relevância para resiliência dos estudantes.

Na Tabela 4, os graus de maiores relevâncias de resiliência são destinados a ações e valores (5,76), seguido por autoconfiança e capacidade de adaptação (5,62).

DISCUSSÃO

Os participantes deste estudo foram predominantemente do sexo feminino, casados e/ou

união estável, semelhante ao que foi reportado em estudo realizado com estudantes em Minas Gerais (BR), no ano de 2017¹⁰. Há autores que apontam que as mulheres podem desenvolver uma característica naturalmente mais resilientes do que os homens, por vivenciarem situações mais opressoras e superarem³. E possuir companheiro/a, gera maior

autoconfiança, sendo mais maleáveis e conseguindo se adaptar melhor às mudanças¹¹.

Assim como no presente estudo, uma pesquisa realizada em São Luiz de Montes Belos (GO), demonstrou que boa parte dos estudantes também possuíam filhos (32,3%)¹². Compreende-se que indivíduos que possuem dois ou mais filhos tendem a ser mais resilientes em relação ao âmbito familiar, refletindo inclusive em outros contextos da vida.

Em relação ao local de residência, estudo no Rio Grande do Sul (BR), identificou que 57,14% dos estudantes relataram que o local onde reside não influencia no desenvolvimento acadêmico, apesar de afirmarem que residir próximo à instituição é um fator contribuinte na melhoria da qualidade de vida¹³, semelhante a essa pesquisa.

Uma investigação realizada com universitários de enfermagem em Recife (BR) no ano de 2015 evidenciou que 64,1% moram com a própria família¹⁴, próximo ao encontrado no estudo transcrito, do qual 85,3% também residiam com a família. Embora, essa

convivência seja mais benéfica quando a relação do estudante e sua família ocorre sem conflitos, despertando segurança e confiança no jovem, o que pode contribuir com seu ingresso e sustentação no curso¹⁵.

Análogo a esse estudo, a maioria de um grupo estudantes pernambucanos¹⁴ e paulistas¹⁶, moram em residência própria. Essa condição é considerada um fator protetor da saúde mental, pois pagar aluguel, pode comprometer grande parte da renda familiar^{16,17}, influenciar negativamente na capacidade de fazer planos para o futuro, gerar preocupações com aspectos de subsistência e limitações em relação à atividades de lazer, cultura e artes, ou ainda com algo que interesse.

Neste estudo, observou-se que apenas uma pequena parcela de estudantes praticava algum tipo de esporte. Em Vitória (ES), 69,5% dos estudantes também possuíam esse mesmo comportamento¹⁸. Os participantes afirmam utilizar o tempo livre para assistir televisão, usar computador ou outros dispositivos eletrônicos, comportamentos associados a um

estilo de vida sedentário⁴. Para tanto, sabe-se que atividades mais dinâmicas trazem benefícios, contribuindo para a qualidade de vida e bem-estar¹⁹. Do mesmo modo, a prática desportiva pode ampliar os horizontes em termos de amizades, convivência com outras pessoas, além de interferir positivamente na melhoria do repouso, descanso e no planejamento de atividades cotidianas, logo maior tranquilidade para pensar estratégias e tomar decisões frente a seu desenvolvimento humano e técnico-profissional.

A forma de financiamento dos estudos, pela maioria dos participantes, ocorre por meio de trabalho fixo ou recurso familiar. Uma análise feita em Campinas (SP), mostrou que 41,1% dos estudantes utilizam como fonte de renda a bolsa de estudos e que 15,2% declararam como fonte de renda o trabalho. Os estudantes que necessitam trabalhar para custearem o próprio estudo apresentam dificuldade nas práticas diárias do curso^{20,21}, o que interfere no seu desempenho e pode causar desmotivação.

Nesta investigação, predominou estudantes que não utilizavam nenhuma substância para modificar o padrão do sono, assim como em outras pesquisas²²⁻²⁴. Sob esse viés, a qualidade do sono é fundamental para benefício do humor, disposição, concentração e reposição de energias^{22,23}. Todavia, em virtude da vulnerabilidade para abuso e danos ligados à adição²⁰, quando estão isentos dos efeitos dessas substâncias, podem apresentar melhor rendimento escolar e ter suas funções cognitivas preservadas²⁵, inclusive sentirem satisfeitos com o estudo e curso que escolheram²⁶.

Em relação a resiliência, os estudantes apresentaram grau moderado, igualmente à estudo conduzido com enfermeiros de Portugal²⁷. Aprender a lidar com as frustrações e superar os entraves, resistindo às pressões e situações complexas da trajetória escolar, é fundamental para alcançar níveis mais elevados de aprendizado e de habilidades sociais. Todavia, pesquisadores^{3,28,29} apontam que os estudos sobre resiliência que contemplam os estudantes ainda

são pouco explorados, mesmo sabendo que as oportunidades adaptativas são essenciais ao ser humano e podem influenciar na forma de ver/encarar a vida, de como isso poderá interferir nas escolhas e o que fará com elas.

O ingresso e permanência na vida escolar/acadêmica podem ocasionar grandes conflitos, tanto internos quanto externos, fruto das exigências naturais do cotidiano de estudos e pesquisas, das imagens que o estudante formulou antes de sua entrada e das necessidades individuais de sentir-se aceito em um grupo^{17,23,32}, circunstâncias em que os fatores que determinam a resiliência devem ser identificados e utilizados em prol do estudante.

Neste estudo, os domínios que tiveram mais destaque referente ao grau de resiliência foram ações e valores, autoconfiança e capacidade de adaptação, que por sua vez estão relacionadas à produção adequada e uso de energia, à persistência nas atividades planejadas e iniciadas, à disciplina nas práticas, e ainda, à concepção de princípios que dão sentido à vida.

Essas atitudes são vistas como aptidão para interação com outros indivíduos sem que ocorra medo de frustrações. Por conseguinte, esta capacidade possibilita maior envolvimento e percepções de proteção, que vem de encontro ao segundo domínio de maior representatividade no estudo a “Autoconfiança e Capacidade de Adaptação”, caracterizado pela crença do indivíduo de poder resolver seus próprios problemas, evitando realizar ações contra sua vontade, canalizando suas energias para a manutenção do interesse em coisas que considera importante³⁰⁻³².

Dessa forma, as instituições de nível técnico e superior devem acompanhar estes estudantes de modo contínuo e individualizado, para permitir um caminhar com menor sofrimento e auxiliar na busca por estratégias que minimizem confrontos negativos para a saúde mental. Esse apoio e exercício coletivo tende a estabelecer graus mais elevados de resiliências para ambos³²⁻³⁵.

A pesquisa teve como limitações aspectos relacionados ao uso de uma amostra intencional e a

estratégia escolhida para seleção e método de coleta dos dados, o que impede a generalização dos dados, requerendo novas investigações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo, predominou estudantes adultos jovens, do sexo feminino, residindo com familiares, com pouca prática de atividades preventivas, como esporte e lazer, mas com baixo consumo de drogas lícitas. Prevaleceu alunos com pouca experiência na área de saúde que visam o curso como uma estratégia de profissionalização. O grau de resiliência foi considerado como adequado entre a maior parte dos participantes, com destaque para os domínios de ações e valores, autoconfiança e capacidade de adaptação, o que sugere que esses alunos possuem capacidade de enfrentamento das adversidades advindas das vivências que possuem.

Esses achados podem auxiliar professores e instituições a considerarem as particularidades da vida dos estudantes como fatores que podem potencializar ou fragilizar o processo de ensino-

aprendizagem, bem como determinar o grau de resiliência diante dos enfrentamentos desse cotidiano.

REFERÊNCIAS

1. Araújo CF, Santos RA. A educação profissional de nível médio e os fatores internos/externos às instituições que causam a evasão escolar. In: The 4th International Congress University Industry Cooperation. Taubaté (SP): 2012; 1-17.
2. Poz MRD, Perantoni CR, Girardi S. Formação, mercado de trabalho e regulação da força de trabalho em saúde no Brasil. In: Fundação Oswaldo Cruz. A saúde no Brasil em 2030 - prospecção estratégica do sistema de saúde brasileiro: organização e gestão do sistema de saúde. Rio de Janeiro: Fiocruz; 2013.
3. Pinto FR, Silva JS, Nogueira TV, Ferreira TC. Resiliência em discentes de administração, por idade, religiosidade e gênero. Rev fac adm econ. 2014; 5(2):141-162.
4. Giffoni Filho JAR. A resiliência e seus desdobramentos: A

- resiliência familiar. *Psicologia*. 2014; 1-15.
5. Wagnild GM, Young HM. Development and Psychometric evaluation of the Resilience Scale. *J Nurs Mea*. 1993;1(2):165-178.
 6. Pesce RP, Assis SG, Avanci JQ, Santos NC, Malaquias JV, Carvalhaes R. Adaptação transcultural, confiabilidade e validade da escala de resiliência. *Cad Saúde Pública*. 2005; 21(2):436-448.
 7. Silva RM, Costa ALS, Mussi FC, Lopes VC, Batista KM, Santos OP. Health alterations in nursing students after a year from admission to the undergraduate course. *Rev Esc Enferm USP*. 2019; 53(4):e03450.
 8. Cheshire A, Hughes J, Lewith G, Panagioti M, Peters D, Simon C, et al. GP's perceptions of resilience training: a qualitative study. *Br j gen pract*. 2017; 67(663): e709-e715.
 9. Barbosa TLA, Gomes LMX, Reis TC, Leite MTS. Expectativas e percepções dos estudantes do curso técnico em enfermagem com relação ao mercado de trabalho. *Texto Contexto Enferm*. 2011; 20(Esp):45-51.
 10. Lima CAG, Maia MFM, Magalhães TA, Oliveira LMM, Reis VMCP, Brito MFSF, et al. Prevalência e fatores associados a comportamentos de risco à saúde em universitários no norte de Minas Gerais. *Cad Saúde Colet*. 2017; 25(2):183-191.
 11. Gadanho TFP. Relação entre estratégias de coping e resiliência após a vivência de um acontecimento potencialmente traumático [dissertação]. Lisboa: Universidade de Lisboa; 2014.118p.
 12. Silva SB, Ferreira TLR, Fernandes CK, Nogueira DS, Barros EJ, Mota RM, et al. Conhecimentos sobre métodos contraceptivos de acadêmicos de enfermagem da faculdade Montes Belos, em São Luís de Montes Belos - GO. *FMB*. 2015; 8(4):143-202.
 13. Pardini DJ, Muijder CF, Falcão BM. Diversidade no meio universitário: influência dos atributos comportamentais e demográficos no

- relacionamento e desempenho de alunos de graduação em Administração. *Análise*. 2011; 22(1):44-55.
14. Assis PYS, Souto LES, Pereira DL, Lima CA, Vieira MA, Costa FM, et al. Características sociodemográficas e acadêmicas dos discentes da área da saúde. *Rev Univ Vale do Rio Verde*. 2015; 13(1):154-164.
15. Cervinski LF, Enricone JRB. Percepção de calouros universitários sobre o processo de adaptação ao sair da casa dos pais. *Perspectiva*. 2012; 36(136): 101-110.
16. Costa FC, Borges EL, Donoso MTV. Perfil dos alunos de curso técnico de enfermagem de uma escola particular em Minas Gerais. *Rev Enferm Cent Oeste Min*. 2013;3(1):554-568.
17. Oliveira ASR, Silva IR. Indicadores educacionais no Ensino Superior Brasileiro: possíveis articulações entre desempenho e características do alunado. *Avaliação*. 2018; 23(1):157-177.
18. Pinto Junior VP. Lazer e álcool: o perfil dos estudantes de estudantes de educação física da Universidade Federal do Espírito [monografia]. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo; 2013.28p.
19. Vieira JL, Romera LA, Lima MCP. Lazer entre universitários da área da saúde: revisão de literatura. *Ciênc Saúde Coletiva*. 2018;23(12):4221-29.
20. Campos CRF. Perfil sociodemográfico, clínico e acadêmico de estudantes universitários que passaram por atendimento psiquiátrico no serviço de assistência psicológica e psiquiátrica ao estudante da universidade estadual de campinas (SAPPE-UNICAMP) entre 2004 e 2011 [dissertação]. Campinas: Universidade Estadual de Campinas; 2016. 99p.
21. Grazziano ES, Bianchini C, Lopes LFD, Souza BF, Franco DM. Resistência ao estresse e depressão em estudantes de cursos técnicos em enfermagem. *Rev Enferm UFPE online*. 2015; 9(supl.2):837-43.
22. Segundo LVG, Cavalcanti Neto BF, Paz DA, Holanda MMA. Aspectos relacionados à qualidade do sono em

- estudantes de medicina. Rev Bras Neurol Psiqu. 2017; 21(3):213-223.
23. Ribeiro CRF, Silva YMGP, Oliveira SMC. O impacto da qualidade do sono na formação médica. Rev Soc Bras Clin Med. 2014; 12(1):08-14.
24. Moraes Filho IM, Dias CCS, Pinto LL, Santos OP, Félix KC, Proença MFR, et al. Associação de estresse ocupacional e uso de psicotrópicos por docentes da área da saúde. Rev Bras Promoç Saúde. 2019; 32:9007.
25. Rosa MI, Caciatori JFF, Panatto APR, Silva BR, Pandini JC, Freitas LBS, et al. Uso de tabaco e fatores associados entre alunos de uma universidade de Criciúma (SC). Cad Saúde Colet. 2014; 22(1):25-31.
26. Bublitz S, Guido LA, Kirchhof RS, Neves ET, Lopes LFD. Perfil sociodemográfico e acadêmico de discentes de enfermagem de quatro instituições brasileiras. Rev Gaúch Enferm. 2015; 36(1):77-83.
27. Silva SM, Borges E, Abreu M, Queirós C, Baptista P, Felli V. Relação entre resiliência e burnout: Promoção da saúde mental e ocupacional dos enfermeiros. Rev Port Enferm Saúde Mental. 2016;(16):41-48.
28. Mesquita AM, Lemes AG, Carrijo MVN, Moura AAM, Couto DS, Rocha EM, et al. Depressão entre estudantes de cursos da área da saúde de uma universidade em Mato Grosso. J Health NPEPS. 2016;1(2):218-230.
29. Souza FO, Silva RM, Costa ALS, Mussi FC, Santos CCT, Santos OP. Stress and resilience in nursing students from two public universities in the state of São Paulo. Rev Enferm UFSM. 2020; 10(e2):1-16.
30. Silva CS. Níveis de resiliência em indivíduos da geração x de uma instituição de ensino superior [monografia]. Londrina: Faculdade Arthur Thomas; 2013. 52p
31. Moraes Filho IM, Rogério JA. Estresse ocupacional no trabalho em enfermagem no Brasil: uma revisão integrativa. Rev Bras Promoç Saúde. 2016; 29(3):447-454.
32. Silva RM, Heitkemper MM, Kimura CA, Moraes Filho IM,

- Lopes VC, Costa ALS. Changes in nursing students' health one year after starting the nursing degree program. *J Cancer Prev Curr Res*. 2018; 9(2):81-87.
33. Coelho JG. Avaliação da aprendizagem escolar: Um estudo sobre as concepções e práticas docentes nas disciplinas específicas do curso Técnico em Agropecuária do IFRO/Campus Colorado do Oeste[dissertação]. Porto Velho: Universidade Federal de Rondônia; 2016.136p.
34. Yañez-Castillo BG, Villar-Luis MA, Alonso-Castillo MM. Espiritualidad, autotrascendencia y consumo de alcohol en jóvenes universitarios. *J Health NPEPS*. 2018; 3(1):5-21.
35. Novaes GJ, Alvez JBG, Nascimento VF, Hattori TY, Martins MC. Fatores de risco na construção da resiliência de profissionais de enfermagem em saúde mental. *Enferm Brasil*. 2017; 16(3):154-63.

Conflito de interesses: Os autores declaram não haver conflito de interesses.

Participação dos autores:

- **Concepção:** Moraes Filho IM, Gomes JCBM, Rodrigues MSC, Melchior LMR, Santos OP, Silva RM, Carvalho Filha FSS, Sousa TV.
- **Desenvolvimento:** Moraes Filho IM, Gomes JCBM, Rodrigues MSC, Melchior LMR, Santos OP, Silva RM, Carvalho Filha FSS, Sousa TV.
- **Redação e revisão:** Moraes Filho IM, Gomes JCBM, Rodrigues MSC, Melchior LMR, Santos OP, Silva RM, Carvalho Filha FSS, Sousa TV.

Como citar este artigo: Moraes Filho IM, Gomes JCBM, Rodrigues MSC, Melchior LMR, Santos OP, Silva RM, et al. Resiliência em estudantes de nível técnico de enfermagem e radiologia. *J Health NPEPS*. 2020; 5(1):351-368.

Submissão: 19/03/2020
Aceito: 01/06/2020
Publicado: 01/06/2020